

**NAS MARGENS
DO SILÊNCIO:
JOÃO CABRAL DE
PONTA A PONTA,
DE ANTONIO
CARLOS SECCHIN**

**CRISTIANO
SANTIAGO
RAMOS**

JOÃO CABRAL DE PONTA A PONTA

ANTONIO CARLOS SECCHIN

RECIFE: CEPE EDITORA, 2020

Antes mesmo de se debruçar sobre as 598 páginas da obra *João Cabral de ponta a ponta*, é provável que o leitor nela reconheça um caso muitíssimo especial dentro da literatura brasileira. Até entre os chamados “profissionais da literatura”, são poucos os que se dedicam realmente a estudar o poeta pernambucano; a maioria apenas reproduz o que guardou das salas de aula, dos manuais, eventos etc. Assim, quem não se dá por satisfeito com tais abordagens, quem se interessa por coletâneas de ensaios sobre a produção de João Cabral de Melo Neto, certamente tem consciência do quão singular e relevante é a exegese do professor, crítico e poeta, membro da Academia Brasileira de Letras, Antonio Carlos Secchin. Contribuição esta que, durante trinta e cinco anos, jamais deixou de ser revista e ampliada pelo autor.

Quando dos recém-completados cem anos de João Cabral, foi a vez de a Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) reeditar esse capítulo essencial da fortuna crítica cabralina. Além de material inédito (com destaque para o texto “Drummond e Cabral: afagos & alfinetes”), o volume traz a totalidade de ensaios veiculados em edições anteriores da obra do crítico: *João Cabral: a poesia do menos* (1985), *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios* (1999) e *João Cabral: uma fala só lâmina* (2014).¹

¹ O livro *João Cabral: a poesia do menos* foi lançado pela editora Duas Cidades em 1985; nele, Secchin analisava a produção cabralina desde *Pedra do sono* (1942) até *Uma faca só lâmina* (1956). O livro recebeu uma edição revista e ampliada pela editora Topbooks em 1999, com o título *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios*. Nesta, o recorte de obras comentadas chegou até *A escola das facas* (1980). Quinze anos depois, foi a vez de a Cosac Naify publicar *João Cabral: uma fala só lâmina*, versão que apresentou estudos sobre todos os livros de poesia de João Cabral de Melo Neto.

Com a chegada do vírus da Covid-19 ao Brasil, muitas das publicações e eventos ligados ao centenário do escritor foram adaptados para as plataformas digitais, adiados ou mesmo cancelados. Dadas as dificuldades do cenário pandêmico, o lugar de Secchin entre os especialistas em João Cabral se tornou ainda mais reconhecido e explorado. E não faltaram resiliência e disposição ao ensaísta carioca, que, aos quase setenta anos, manteve agenda permanente de lançamentos, entrevistas, palestras e debates virtuais. Lembrando que, além da reedição de seus trabalhos sobre a poética cabralina, Secchin também organizou, prefaciou e anotou a recente *Poesia completa* de João Cabral (Alfaguara, 2020), em colaboração com Edneia Rodrigues Ribeiro.

Mesmo quando se toma por medida apenas os “canônicos”, raros são os escritores brasileiros que conquistaram e mantiveram desde sempre tantos espaços na mídia, atenção de críticos e teóricos influentes, interesse das editoras, dos curadores, editais. E não é de hoje que essa recepção impressiona. Quando a poeta e bibliotecária Zila Mamede preparou o *Civil geometria: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto, 1942-1982* (Nobel, 1987), foram necessárias mais de quinhentas páginas para dar conta do que até então se publicara. Se reeditado nos dias de hoje, tal levantamento receberia ao menos um tomo adicional. Tomo este no qual, justa e seguramente, constariam ressaltados os ensaios publicados em 1985 – premiados pelo Instituto Nacional do Livro e pela Academia Brasileira de Letras –, do jovem e já respeitado professor Antonio Carlos Secchin.

Embora ausente do *Civil geometria*, pode-se ler *João Cabral: a poesia do menos* como um capítulo de transição, ânimo novo, mas ainda profundamente ligado àquela monumental fortuna publicada entre os anos 1960 e 1980: estudos realizados por nomes como Antonio Candido, Luiz Costa Lima, Benedito Nunes, José Guilherme Merquior, Haroldo de Campos, Lauro Escorel, João Alexandre Barbosa, Antonio Houaiss, Modesto Carone, Marta de Senna e Sebastião Uchôa Leite. Sem prejuízo aos limites desta resenha, vale registrar que, ao contrário do que muitas vezes ainda se lê ou escuta, tais estudos não foram responsáveis pelos lugares-comuns que até hoje conformam e, não raro, empobrecem pesquisas e debates sobre o legado cabralino. Ao contrário, grande parte foi motivada justamente pelo desejo de problematizar clichês surgidos nos decênios anteriores, quando a recepção à obra do pernambucano se

deu basicamente através da “crítica de rodapé” veiculada pelos jornais, cadernos e revistas da época.

Ocorre que aquelas exegeses dos anos 60 aos 80 (desenvolvidas por autores que ou já haviam publicado resenhas de rodapé, ou iniciaram suas pesquisas em ambientes acadêmicos), sofreram processos em que foram gradativamente recortadas, diluídas e distorcidas; seus vestígios – quando mal lidos – tornaram-se matéria-prima para dissertações preguiçosas e páginas apressadas de manuais literários, muletas para repórteres e professores inseguros, até chegarem praticamente irreconhecíveis aos “resumos” distribuídos em forma de apostilas a vestibulandos e concurseiros. Pesquisadores e teóricos sérios, no entanto, ao retornarem àquela fortuna cabralina, jamais deixaram de encontrar rica e variada fonte (tanto de notáveis lacunas, quanto de ideias e problemas a serem atualizados).

Uma das falhas mais costumeiras daqueles que precariamente visitavam a fortuna cabralina restou não só evitada, mas vertida em oportunidade por Antonio Carlos Secchin. Ao invés de parafrasear as obras de referência dedicadas aos primeiros títulos de João Cabral, contrabandeando e forçando exegeses anteriores para que cobrissem genericamente os demais trabalhos do poeta, o ensaísta carioca decidiu tratar em detalhes, e separadamente, de cada livro de João Cabral – decisão que resultou nos ensaios autônomos que compõem a “Parte I” da coletânea reeditada pela Cepe; seção esta que, agora, dá título à reunião: *João Cabral de ponta a ponta*.

Além de não recorrer a atalhos que elidisse sensíveis diferenças na produção cabralina, Secchin foi tão econômico nas citações aos críticos antecessores que houve quem o acusasse de não lhes dar o devido crédito – ressalva que o próprio fez questão de antecipar e responder logo na introdução da obra aqui resenhada. Assim, se a fortuna crítica de João Cabral foi “praticamente deixada de lado”, o ensaísta sustenta que não foi com o intuito de dissimular influências:

[...] a bibliografia crítica quase não é citada dentro do livro, mas a ele comparece obliquamente: “de lado”. Enquanto versões de um saber frente a um objeto, os juízos sobre João Cabral nos interessaram tanto no que disseram quanto no que omitiram: por que não dialogar igualmente com a lacuna? Na verdade, qualquer texto crítico sobrevive nas margens do silêncio e da omissão legadas pelos discursos que

o precederam; portanto, só através da escuta atenta dessas falas progressas é que podemos localizar onde começa o seu silêncio. (p. 14)

Não erra quem verifica até um certo exagero do autor ao confessar ter deixado de lado e oblíqua a contribuição dos seus predecessores. Há pistas muito consistentes de quais obras Secchin tinha em mente enquanto realizava suas próprias investigações, numa trilha de referências que pode ser notada sem grandes dificuldades. Sobre *Pedra do sono* (1941), por exemplo, ele concorda que são poemas nos quais ainda não se prefigura a construção de um espaço lírico próprio de João Cabral, antes rendendo tributo a Murilo Mendes e à poética surrealista: “primado da visualidade, captação plástica do real, valorização do onírico em contraposição às percepções automatizadas do objeto”. Ao final da análise, Secchin veicula a expressa e contraposta referência:

A utilização de vocábulos sem a chancela da “pureza” da tradição lírica, por exemplo, age no sentido de impedir que se sufoque completamente um veio de montagem crítica do texto. Luiz Costa Lima sustenta que já existe no livro uma “raiz que repudia a palavra demasiado poética”. Cremos que o poeta não chega a banir a palavra “pura”, pois o exclusivismo do “despoetizado” poderia ser tão dogmático quanto à obediência estrita a um purismo vocabular; mas *Pedra do Sono* integra também a palavra “não poética”, o que já é considerável, se levarmos em conta o ideário estético propalado por alguns corifeus da “geração de 45” a que o poeta, às vezes, é erroneamente assimilado. (p. 29)

Na abertura do texto seguinte, ao se voltar para *Os três mal-amados* (1943), há outra remissão, onde se registra que João Alexandre Barbosa é dos poucos estudiosos que não coloca aquele livro em “posição marginal” dentro da obra cabralina; em vez disso, o crítico dele extrai a noção que comandaria toda a produção do poeta pernambucano: a “imitação da forma” e as complexas relações sujeito/objeto que daí derivam.

Mais adiante, ao chegar em *O cão sem plumas* (1950), Antonio Carlos Secchin sublinha que se trata de movimento diferente daquele apresentado em *Psicologia da composição* (1947), onde se transfere “para o real a didática da mineralização posta em relevo na folha escrita. Agora, o estímulo à produção se origina no espetáculo sensível da paisagem nordestina”. E novamente é lançada expressamente a referência:

Para Haroldo de Campos, João Cabral “passa da desalienação da linguagem ao problema da participação poética”. Adiantemos desde logo que a participação será equacionada na tensão constitutiva do texto – faz-se *no* e *enquanto* poema –, e não por meio de “mensagens” que reduziriam a forma a mero suporte de conteúdos prévios, ainda que bem-intencionados. (p. 93).

Assim como as tantas outras presentes em *João Cabral de ponta a ponta*, tais menções evidenciam que Secchin não só reconhecia a importância dos antecessores, como jamais os deixara realmente “de lado”. Além das razões por ele apresentadas para a descrição bibliográfica, é possível que suas conhecidas elegância e delicadeza o tenham levado a não oferecer lista exaustiva dos “diálogos”, de tal forma que todos os renomados especialistas em João Cabral de Melo Neto puderam se considerar respeitosamente lidos, ainda que “obliquamente”. Por sua vez, o que se pode realmente apontar é que Antonio Carlos Secchin não aproveitou da outra margem, daquilo que posteriormente se escreveu sobre o poeta pernambucano, seja na imprensa, em livros ou nas academias. Mesmo ao revisá-los e ampliá-los, aquelas leituras críticas anteriores ao surgimento do seu livro seguiram como norte dialógico dos ensaios aqui resenhados.

De volta à estrutura da coletânea, se a “Parte I” aborda cada obra de João Cabral em separado, cabe à seção seguinte do livro ratificar e destacar linhas de força presentes na vasta produção do pernambucano. Não se trata de síntese, de conclusão às jornadas empreendidas nos ensaios anteriores. Mas, ainda assim, autônomos, eles confirmam a impressão deixada ao longo da reunião: de maneira não ostensiva, não sacrificando as particularidades dos poemas, há um indisfarçável esforço de construir liames em *João Cabral de ponta a ponta* – o que resulta, por exemplo, na frequente utilização de termos como “marcos”, “marcas” e “marcadas”. Algo que, em se tratando de Antonio Carlos Secchin e de seu extremado zelo com as palavras, não pode ser ignorado.

Apenas para ilustrar esse cuidado com a linguagem, entre as quatro edições do livro, nas curtíssimas introduções oferecidas pelo autor, é possível encontrar sutis mas importantes mudanças, tais como ao substituir “amputar” por “retirar do signo esse excesso”; ou ao trocar “não como um neutro espaço de onde as palavras emanariam resgatadas numa pureza original” por “espaço neutro onde as palavras emergiriam em pureza original”; em vez de “mostrar a articulação dialética entre

a palavra esvaziada do poema e o espaço cultural e social que ela incorpora”, tem-se “mostrar a articulação entre a palavra esvaziada...”, ou ainda “intentaremos mostrar as articulações...”.

Importante ainda alertar que os excertos até aqui utilizados não evidenciam o movimento que rege todo o *João Cabral de ponta a ponta*. Em cada ensaio, após as citações e impressões gerais, o poeta-crítico reajusta as lentes e foca nos detalhes intrínsecos de cada jornada cabralina; parafraseando-o, Secchin vai do elemento menor, o fonema, até o maior, pois “entre o fonema e o livro, atravessam-se a palavra, o verso, a estrofe e o poema, num progressivo alargamento do campo de referência”. Tudo isso com equilíbrio, sem recair em excessos formalistas que dificultem a experiência de leitores não especializados.

Em 2025, essa obra fundamental chegará ao quadragésimo aniversário. Caso seja revista, provavelmente receberá análise dos esparsos e inéditos poemas cabralinos inseridos na recente edição da *Poesia completa*. E, se o ensaísta conceder maior liberdade editorial ao projeto, quem sabe lhe não acrescentam também paratextos, presenças de outros colaboradores que não só homenageiem Secchin e o seu objeto de estudo, o poeta João Cabral de Melo Neto, mas também – e ainda que *obliquamente* – ofereçam novas margens, falas e silêncios?

CRISTIANO SANTIAGO RAMOS é graduado em Comunicação Social e mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, trabalha em livro inédito sobre a fortuna crítica cabralina. E-mail: cristianoramospe@gmail.com.